

## **AUTOPERCEÇÃO E PERCEÇÃO MATERNA DA IMAGEM CORPORAL DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO**

Fernanda Ferreira Maciel, Pedro Henrique Fontoura dos Santos, Maria Thereza Furtado Cury, Marcela Haido de Carvalho, Haydée Serrão Lanzillotti, Maria Elisa Barros

### **Resumo**

Analisar a autopercepção e a percepção materna, da imagem corporal (IC) de adolescentes do sexo feminino e associar ao dado antropométrico Índice de Massa Corporal (IMC) para Idade. Estudo transversal com amostra acidental, comparativo com 15 adolescentes do sexo feminino entre 10 e 15 anos e respectivas mães recrutadas a partir de consulta de nutrição no ambulatório de pediatria e adolescência, no período de janeiro a julho de 2018. A avaliação da percepção da IC foi realizada utilizando-se a escala de silhuetas proposta por Thompson e Gray (1995), validada para uso com adolescentes brasileiros. Usou-se um conjunto de silhuetas para avaliação da autopercepção e da percepção materna. Os resultados mostram que 86,6% das adolescentes avaliadas apresentam IMC elevado para idade, as adolescentes e suas mães demonstram o desejo pelo corpo mais magro. Este desejo não afetou o modo como as adolescentes se percebem e como elas realmente são. Além disso, houve harmonia entre a percepção materna e a autopercepção. Conclusão: A identificação da autopercepção da IC das adolescentes e a relação do impacto da percepção materna da IC de suas filhas, possibilita a expansão do conhecimento que contribuirá para uma abordagem alternativa e efetiva no tratamento nutricional desse grupo.

**Palavras-chave:** Adolescente. Percepção da Imagem corporal. Autopercepção. Percepção materna. Sexo feminino.

### **Abstract**

To analyze the self-perception and maternal perception of the body image (BI) of female adolescents and to associate with the anthropometric data Body Mass Index (BMI) for Age. A cross-sectional study with a comparative sample of 15 female adolescents between 10 and 15 years of age and their mothers recruited from a pediatric and adolescent outpatient clinic in the period from January to July, 2018. The evaluation of perception of BI was performed using the silhouettes scale proposed by Thompson and Gray (1995), validated for use with Brazilian adolescents. A set of silhouettes was used to evaluate self-perception and maternal perception. The results show that 86.6% of the adolescents evaluated had high BMI for age, the adolescents and their mothers demonstrated a desire for the leaner body. This desire has not affected the way teenagers perceive themselves and how they really are. In addition, there was harmony between maternal perception and self-perception. The identification of the self-perception of HF in adolescents and the relation of the impact of the maternal perception of HF of their daughters, allows the expansion of knowledge that will contribute to an alternative and effective approach in the nutritional treatment of this group.

**Keywords:** Adolescent. Perception of Body Image. Self-perception. Maternal perception. Female adolescents.

### INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é o período compreendido entre 10 e 19 anos, no qual ocorrem intensas transformações de nível biológico, emocional e social, com comportamentos e práticas singulares, definidos principalmente pela independência e maior exposição a situações do cotidiano <sup>1, 2</sup>. É na adolescência que características como crenças, sexualidade, desejos e objetivos de vida, se manifestam mais fortemente. A forma como o adolescente percebe seu corpo é fundamental na construção da sua identidade <sup>2</sup>.

O conceito de Imagem Corporal (IC) sofreu algumas modificações, criando o amplo repertório avaliativo e conceitual que se tem hoje, no século XXI. De acordo com Erthal o corpo é a parte mais material e visível do eu e exerce grande papel nas percepções. É o sentido físico que assegura a existência do indivíduo, então, a noção de corpo é essencial para a formação da identidade que vai sendo construída durante o processo de interação com a sociedade “[...] o indivíduo chega a diferenciar, com clareza cada vez maior, o seu autoconceito ou autoimagem. Autoimagem é a ideia que alguém tem de si mesmo; [...]” <sup>3,4</sup>.

Anos mais tarde, Petroski, Pelegrini e Glaner e também Frois, Moreira e Stengel conceituaram a IC como uma relação entre o que os indivíduos pensam, sentem e se comportam a respeito do corpo e suas percepções sobre sua aparência geral, das partes do corpo e das estruturas e funções fisiológicas. Contudo, essas percepções podem ou não condizer à realidade, que pode ser definida como distorção <sup>5, 6</sup>.

O aumento da preocupação com a IC, conciliado com o aumento da obesidade e distúrbios alimentares, tem relação com a expansão da população urbana e as mudanças de hábitos e estilos de vida. Outro fator importante para a distorção da IC é o enaltecimento da magreza como o ideal, conceito muito difundido pela mídia <sup>7</sup>.

Em especial, indivíduos do sexo feminino com sobrepeso e obesidade sofrem maior pressão para se encaixarem em modelos e padrões de beleza que apenas uma parcela da população conseguirá realmente atingir de forma saudável. Na sociedade contemporânea, é notória a falta de diversidade de corpos como referencial de beleza, parecendo haver um só modelo do que é belo, além da dificuldade em lidar com o diferente. A mídia age exacerbando e difundindo maneiras de se atingir esse estereótipo considerado perfeito <sup>8</sup>.

As redes sociais podem exercer um papel importante na disseminação do ideal de beleza da sociedade, pois um discurso pode atingir diversas pessoas ao mesmo tempo e conforme for repetido pode ser municiado de um poder que não detinha anteriormente. Nestas redes, a repetição de uma informação sem conhecimento da fonte faz com que muitas vezes esses discursos sejam tomados como verdadeiros e, assim, sejam capazes de influenciar atitudes e até mesmo pensamentos <sup>9</sup>.

Adolescentes com excesso de peso são especialmente vulneráveis e podem sofrer discriminação social, visto que a inadequação do estado nutricional e a adiposidade corporal são fortes indicadores de insatisfação corporal, resultando em baixa autoestima, alta insatisfação corporal e distúrbios comportamentais <sup>2</sup>. Eles se percebem diferentes diante da sociedade, influenciando negativamente a sua autoestima e autoimagem corporal. Apesar dos meninos também demonstrarem insatisfação corporal, as meninas são as que a apresentam em maior grau <sup>10,11</sup>.

A relação que os pais estabelecem com o adolescente durante a infância é de suma importância. A atenção, o afeto e o cuidado constante podem favorecer o desenvolvimento normal da criança. Por outro lado, a não transmissão destes cuidados pode aumentar a chance de surgimento de distúrbios de ordem mental e comportamental <sup>12</sup>. Além disso, os hábitos dos pais possuem forte influência no estilo de vida dos filhos, com isso, a inserção de hábitos saudáveis desde a infância, na vida de seus filhos, pode conscientizar os pais sobre o assunto e estimular a família a buscar um estilo de vida mais saudável. Com essa concepção programas de tratamento da obesidade com intervenções multidisciplinares se tornam uma escolha ideal <sup>13</sup>.

A obesidade implica muitos elementos que se relacionam de forma simultânea e dinâmica, logo, qualquer tentativa fracionada de lidar com o assunto se mostrará menos eficaz <sup>14</sup>.

Assim, o projeto Grupo Amigos (Agentes Multiplicadores de Informações Gerais sobre Obesidade e Saúde) do Instituto de Nutrição da UERJ, debate questões sobre o tratamento da obesidade na perspectiva multidisciplinar, elencando a imagem corporal como um dos elementos a serem estudados.

No Brasil, são escassos estudos sobre a percepção da imagem corporal, feitos especialmente com adolescentes do sexo feminino em ambulatórios de nutrição, sendo assim o presente trabalho busca analisar a autopercepção e a percepção

materna, da IC de adolescentes do sexo feminino e associar ao Índice de Massa Corporal (IMC) para Idade, para identificar novas abordagens de cuidado.

### **MÉTODOS**

Trata-se de um estudo transversal com amostra acidental <sup>15</sup>, quantitativo com 15 adolescentes do sexo feminino entre 10 e 15 anos e respectivas mães recrutadas a partir de consulta de nutrição no ambulatório de pediatria e adolescência, da Policlínica Piquet Carneiro/UERJ, Rio de Janeiro – RJ, no período de janeiro a julho de 2018. Os critérios de inclusão foram adolescentes do sexo feminino entre 10 e 19 anos, atendidas no ambulatório e acompanhadas por suas mães. Foram excluídas adolescentes com transtorno alimentar e patologias que comprometessem a composição corporal.

O estudo faz parte da pesquisa “Perfil de adolescentes com sobrepeso e obesidade assistidos em uma Unidade de Saúde do Rio de Janeiro” do projeto Grupo AMIGOS, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Registro CEP-IMS 14/2005). A participação das voluntárias do estudo foi consentida por escrito através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo seguidos os requisitos éticos determinados na resolução 466/2012 do CNS.

Foram coletados pelos avaliadores os dados de peso e altura das adolescentes usando os procedimentos padronizados de Lohman, Roche e Martorell<sup>16</sup> para calcular o IMC, classificando-o segundo OMS <sup>17</sup>. Foi utilizada balança antropométrica eletrônica acoplada a estadiômetro (Filizola®, modelo P200C), com capacidade para 200 kg e 2 m, e precisão de 100 g e 0,1 cm.

A avaliação da percepção da IC foi realizada utilizando-se a escala de silhuetas proposta por Thompson e Gray (1995) <sup>18</sup>, validada para adolescentes brasileiros por Conti e Latorre <sup>19</sup>.

Foram criados dois instrumentos para coleta de dados. O primeiro destinado a autopercepção das adolescentes apresentou três subcategorias “como se vê”, “como gostaria de ser” e “como acha que os outros veem”. O segundo, destinado as mães, incluiu a percepção materna sobre a imagem das adolescentes e três subcategorias “como veem a filha”, “como gostaria que ela fosse” e “como acha que os outros a veem”.

A descrição do perfil da autopercepção das adolescentes e da percepção materna foi demonstrada pela frequência.

A concordância entre autopercepção e percepção materna foi avaliada pelo método de Bland e Altman <sup>20</sup>, utilizando-se os escores atribuídos ao conjunto de silhuetas a fim de calcular a média e a diferença entre as respostas dos dois grupos. O método de Bland e Altman foi proposto para avaliar a concordância entre duas variáveis (X e Y). Essa metodologia parte de uma visualização de gráfico de dispersão entre a diferença das duas variáveis (X - Y) e a média das duas (X + Y)/2. Assim é possível visualizar o viés (o quanto as diferenças se afastam do valor zero), o erro (a dispersão dos pontos das diferenças ao redor da média), além de *outliers* e tendências. Giavarina <sup>21</sup> sugere que a diferença das duas variáveis, no presente estudo, escores de percepção (autopercepção e materna), devem ser avaliadas em seu comportamento Gaussiano. Para tanto se optou por utilizar teste de normalidade de Shapiro-Wilk.

A fim de verificar diferenças significativas entre as categorias autopercepção e percepção materna se utilizou o teste de Krustal-Wallis ( $p < 0,05$ ).

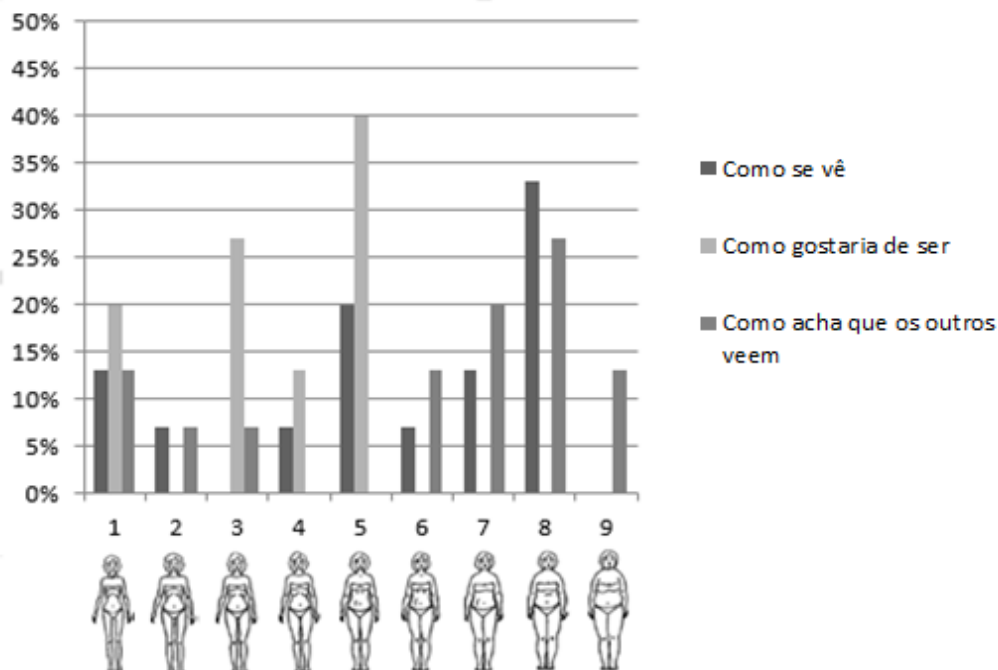
A associação entre as subcategorias de autopercepção “como se vê” e de percepçãomaterna, “como veem a filha” a fim de verificar a distorção da percepção da imagem corporal e o IMC se valeu da correlação de Pearson.

Os dados foram analisados pelo programa GraphPad Prism 4 (GraphPad Software Inc., San Diego, CA, EUA).

## RESULTADOS

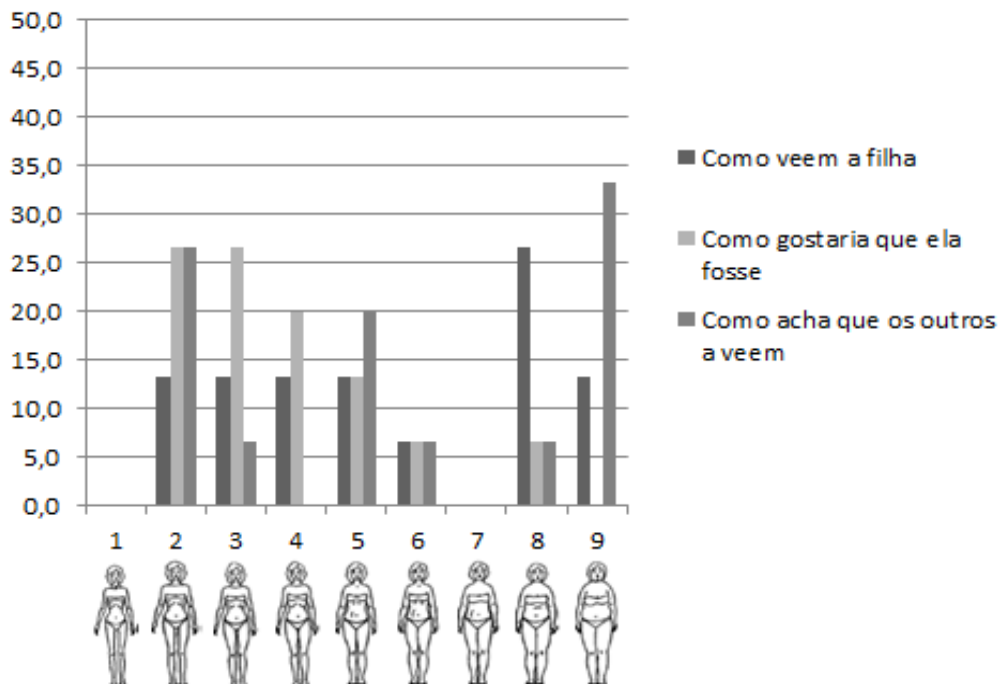
Foram avaliadas 15 adolescentes, apresentando média de idade de 12,2 (DP  $\pm$  1,56) e IMC que variou com média 26,9 (DP  $\pm$  8,61). Segundo parâmetro antropométrico IMC/Idade, 13,3% das adolescentes encontravam-se eutróficas, 33,3% com sobrepeso, 13,3% com obesidade e 40% com obesidade grave.

A figura 1 mostra o percentual de escolha do escore correspondente às silhuetas na categoria autopercepção. Foi encontrado valor superior a 30% no escore 8 na subcategoria “como se vê”. Já na subcategoria “como gostaria de ser”, o escore 5 apresentou maior percentual (40%) e boa parte das adolescentes apresentaram heteropercepção (“como acha que os outros veem”) no escore 8 (acima de 25%).



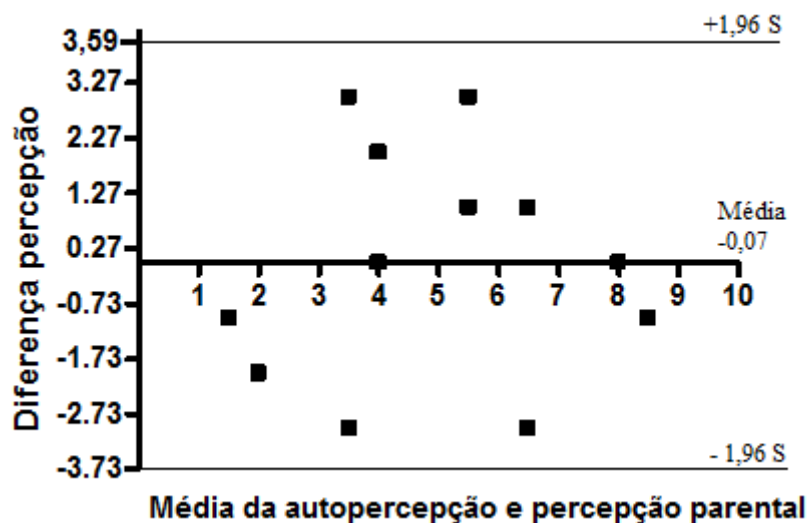
**Figura 1:** Autopercepção (n=15) da imagem corporal dos adolescentes segundo a escala de silhueta. Rio de Janeiro (RJ), 2018.

A figura 2 apresenta o percentual de escolha do escore correspondente a categoria percepção materna em que as subcategorias “como veem a filha” e “como gostaria que ela fosse” apresentam-se assemelhadas em torno de 25% para escores 8 e 2 a 3, respectivamente. Ressalta-se que a categoria “como acha que os outros veem” aloca-se no escore 9 (acima de 30%).



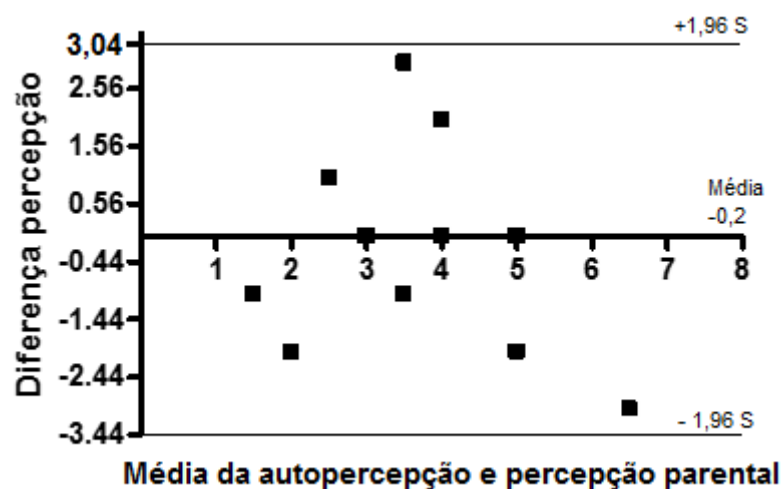
**Figura 2:** Percepção materna (n=15) da imagem corporal dos adolescentes segundo a escala de silhueta. Rio de Janeiro (RJ), 2018.

A figura 3 mostra o gráfico de Bland e Altman para a diferença entre “como se vê” e “como veem a filha” as diferenças tanto positivas quanto negativas apresentam certa concordância, uma vez que se afastam da média dos escores atribuídos aos sujeitos. Esperava-se que a maioria das diferenças se situasse entre  $d - 2s$  e  $d + 2s$ , ou mais precisamente, 95% das diferenças serão entre média das diferenças menos  $-1.96$  desvio padrão e entre média das diferenças  $+ 1.96$  desvio padrão. No presente estudo a premissa foi corroborada.



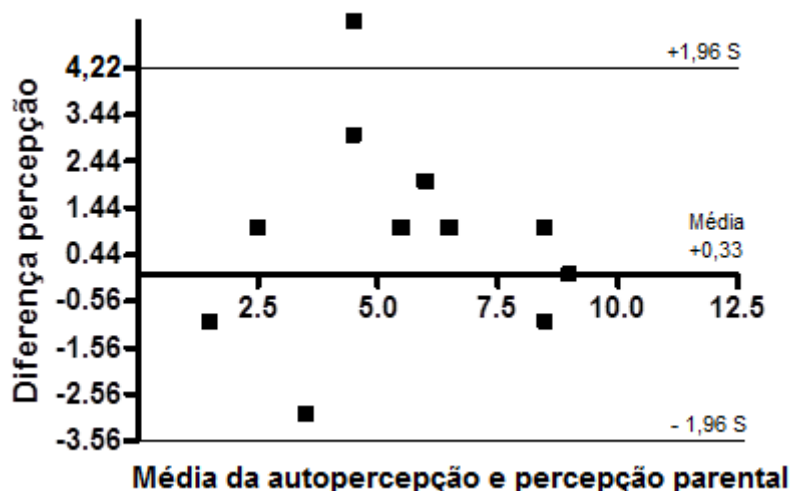
**Figura 3:** Gráfico de Bland e Altman mostrando a concordância entre a percepção da imagem corporal das adolescentes (como se vê) e respectivas mães (como veem a filha). Rio de Janeiro (RJ), 2018.

A figura 4 representa a concordância entre “como gostaria de ser” e como a mãe gostaria que a adolescente fosse (como gostaria que ela fosse) que houve discreta expressividade para as diferenças negativas, na qual apresentam certa concordância, uma vez que se afastam da média dos escores atribuídos aos sujeitos. Analogamente a Figura 3, as diferenças alocaram-se dentro dos limites de concordância.



**Figura 4:** Gráfico de Bland e Altman mostrando a concordância entre a percepção da imagem corporal das adolescentes (como gostaria de ser) e respectivas mães (como gostaria que ela fosse). Rio de Janeiro (RJ), 2018.

Na figura 5, percebe-se uma inversão da positividade e negatividade dos escores em relação a figura 4, ou seja, a percepção da imagem corporal do adolescente (como acha que os outros veem) versus a crença da mãe sobre como a imagem que os outros veem de sua filha (como acha que os outros a veem). Houve ainda um *Outlier* que indica baixa concordância entre os parâmetros avaliados.



**Figura 5:** Gráfico de Bland e Altman mostrando a concordância entre a percepção corporal das adolescentes (como acha que os outros veem) e seus pais (como acha que os outros a veem). Rio de Janeiro (RJ), 2018.

A partir do mapeamento entre os dois gráficos (Figura 4 e 5), pode-se inferir sobre a diferença da heteropercepção da imagem corporal da adolescente.

Foi utilizado correlação de Pearson para associação entre a subcategoria como a adolescente vê sua imagem corporal (como se vê) e o IMC que apresentou valor de 0,88 (IC 95%, 0,67-0,96,  $p < 0.0001$ ).

Em relação a subcategoria como a mãe vê a imagem corporal da filha (como veem a filha) e a associação com IMC alcançou correlação de Pearson de 0,58 (IC 95%, 0,42-0,91,  $p = 0.0008$ ).

## DISCUSSÃO

No presente estudo 86,6% das adolescentes apresentaram IMC elevado para idade (sobrepeso, obesidade e obesidade grave), e IMC adequado para idade (13,3%). Não foram encontradas adolescentes com IMC baixo para a idade.

O resultado encontrado no presente trabalho pode ser justificado pela tendência da composição corporal das adolescentes em função do local da coleta dos dados, ou seja, na consulta de nutrição do Ambulatório de Pediatria e Adolescência. Saraiva, Zemolin e Zanardo <sup>25</sup>, reforça esta hipótese pelo fato de que grande parte dos indivíduos que procuram atendimento nutricional possuem IMC elevado.

Estudos realizados em escolas, como o de Etges <sup>22</sup>, que encontrou 87% das adolescentes com valores de IMC normais, enquanto que 13% apresentou IMC elevado para idade. O mesmo foi visto em um estudo no qual 77,6% das adolescentes apresentou IMC normal e 20,7% apresentaram valores de IMC elevado para idade <sup>23</sup>. Um estudo realizado em escolas de Portugal, que avaliou adolescentes de ambos os sexos, sendo 54,8% do sexo feminino, observou-se também que a maior parte da amostra de adolescentes (75,54%) apresentavam peso adequado <sup>24</sup>.

Com relação ao percentual de escolha do escore correspondente às silhuetas na categoria autopercepção, para a subcategoria “como gostaria de ser”, observa-se o maior percentual no escore 5 (40%), ressaltando o desejo das adolescentes em serem mais magras, já que mais de 30% delas acreditam se ver na silhueta correspondente ao escore 8 na subcategoria “como se vê”. Fato semelhante ocorre em relação à subcategoria “como acha que os outros veem” (27%).

No estudo realizado em escolas de Portugal, o escore escolhido como ideal pela maioria dos participantes de peso adequado foi o escore 3 (48,6%), seguido pelo escore 4 (39%) <sup>24</sup>. A diferença nos resultados se justifica pelo valor médio de IMC mais elevado encontrado neste estudo.

A forma como as adolescentes acreditam ser percebidas pelas outras pessoas no seu ambiente vem sendo pouco discutida na literatura. No entanto acreditamos ser relevante, já que através do culto à magreza e a imposição do corpo magro por parte da mídia e da sociedade, os aspectos socioculturais podem modular a percepção das adolescentes sobre a sua IC <sup>10,26</sup>.

A percepção corporal de adolescentes obesas do sexo feminino está relacionada ao desejo de se enquadrar com as normas socioculturais, que impõem o estereótipo da magreza como característica positiva, principalmente entre as mulheres <sup>27</sup>.

A preocupação com o corpo é popularizada e banalizada através dos meios de comunicação, sendo que a globalização também pode trazer modelos de outros países que muitas vezes não correspondem com determinada característica de um grupo ou etnia <sup>5,26</sup>.

Francisco, Narcisio e Alarcão <sup>28</sup> avaliaram a percepção da IC de adolescentes do sexo feminino, utilizando também a escala de silhuetas proposta por Thompson e Gray (1995) <sup>18</sup>, no qual o escore correspondente à silhueta mais frequentemente

identificada como atual foi a de número 4, num total de 35,5% das participantes do estudo. Da mesma forma, as adolescentes também identificaram a silhueta 4 como sendo a ideal, num total de 36,5% das participantes do estudo, ou seja, elas atribuíram a mesma silhueta para as duas escolhas, como se identifica e a que considera ideal. Este fato corresponde à realidade dos indivíduos participantes do estudo, visto que a amostra era preponderantemente composta de adolescentes com valores de IMC médio para idade adequados.

De acordo com a percepção materna avaliada no presente estudo, os resultados para a subcategoria “como gostaria que ela fosse” evidenciaram prevalência de escolha do escore 2 e 3, em torno de 25%, ressaltando a preocupação por parte das mães quanto ao peso das suas filhas, visto que, em paralelo, houve predomínio do escore 8 para a subcategoria “como veem a filha” cerca de 25% das mães.

Quanto a subcategoria “como acha que os outros a veem”, prevaleceu a escolha do escore 9, para mais de 30% das mães. Este fato sugere a influência que a sociedade pode exercer sobre a percepção corporal materna, através da veiculação de um universo de imagens em que as mulheres excessivamente magras são sinônimo de sucesso e admiração <sup>29</sup>.

Estudo realizado por Ciampo e Ciampo <sup>2</sup> avaliando a imagem corporal e a adolescência observou que os pais tendem a serem mais criteriosos a respeito de seus filhos e menos positivos, o que exerce influência no modo como eles os veem.

A percepção adequada do excesso de peso dos filhos por parte das mães pode condicionar maior interesse pela busca de uma assistência profissional especializada, assim como a adesão ao tratamento proposto <sup>30</sup>.

A comparação das respostas do instrumento para avaliação da autopercepção e percepção materna indicou concordância em todas as subcategorias, ou seja, quando avaliada a amostra como um todo, as mães das adolescentes têm percepção consonante a das filhas, apesar de diferentes tendências entre subcategorias.

A confluência destas respostas se torna positiva, já que a relação familiar pode assumir um papel de suma importância na vida dos adolescentes. Alguns pacientes que participaram de um estudo de Pinto e Bosi <sup>31</sup> relataram a presença do apoio da família no tratamento do excesso de peso, porém a família pode contribuir também para a disseminação de situações estigmatizantes, se houver ausência de apoio

quando o adolescente recebe apelidos pejorativos fora do núcleo familiar, por estar acima do peso. “As atitudes negativas dos familiares, tais como ofensas e piadas só dificultam a vida dos adolescentes obesos”<sup>32,33</sup>.

Ainda que o afastamento da família e a procura por grupos sociais durante essa fase da vida sejam naturais, é de suma importância a participação dos pais no processo de desenvolvimento de seus filhos. A família, como organização social, representa o modelo pelo qual comportamentos, valores e atitudes são transmitidos, estabelecendo a incorporação de elementos que irão formar o caráter e a personalidade de seus filhos, pois o convívio aliado a conversa, elogios, críticas e repreensões correspondem a fatores que influenciam constantemente a autoestima do adolescente<sup>2</sup>.

A associação entre a medida antropométrica avaliada e a subcategoria “como se vê” em relação a autopercepção foi coerente e significativa, não apresentando distorções. Tais resultados foram semelhantes aos do estudo de Battisti, Bergjohann, Adami e Fassina<sup>34</sup>, realizado em escolas do Rio Grande do Sul (RS), que também encontrou associação significativa entre a autopercepção da imagem corporal de crianças e adolescentes e seu estado nutricional.

Estes mesmos autores também encontraram associação positiva entre a percepção da imagem corporal dos pais em relação ao estado nutricional de seus filhos, mas que diferem do presente estudo, pois neste caso a percepção materna não conseguiu traduzir o que o dado antropométrico mensura, quando avaliada a associação entre a subcategoria “como as veem” e o IMC das adolescentes, indicando distorção da percepção da imagem corporal de suas respectivas filhas, o que pode ser atribuído ao fato da diferença do local da coleta de dados, justificado pela diferença da média de IMC entre os dois estudos<sup>34</sup>.

### CONCLUSÃO

Conclui-se que os resultados do presente estudo enfatizam o desejo pelo corpo mais magro por parte das adolescentes e suas mães, porém, como foi observado, o desejo pelo corpo esbelto não afetou a associação de como as adolescentes se percebem e como elas realmente são, entretanto houve distorção em relação a percepção materna e o IMC de suas filhas. Ademais, viu-se harmonia entre a

percepção materna e a autopercepção, fato que pode ser determinante quando se pensar em futuras abordagens para esses indivíduos.

A percepção da imagem corporal é um dos fatores que contribuem para construção da autoaceitação das adolescentes e está relacionada a diversas variáveis. A mídia é considerada como uma das principais variáveis em diversos estudos – incluindo as redes sociais, que propaga um padrão de beleza imposto pela sociedade, de um corpo magro. Contudo, não se deve desconsiderar o papel que a percepção materna exerce sobre as adolescentes, dada a grande influência das relações familiares.

Olhar o indivíduo com excesso de peso a partir da perspectiva própria de sua IC orienta práticas de cuidado direcionadas à singularidade e à particularidade da experiência por ela vivida. Com esta perspectiva torna-se possível desenvolver junto às adolescentes, ações específicas como práticas educativas, atendimentos em grupos e rodas de conversa com uma abordagem multiprofissional que extrapole a dimensão biológica e contemple aspectos psíquicos, sociais e afetivos. A identificação da percepção de IC que as adolescentes têm delas mesmas e a relação do impacto da percepção de IC materna nessa autoimagem possibilita a expansão do conhecimento que realmente contribuirá para uma abordagem alternativa e efetiva no tratamento nutricional das adolescentes.

O conhecimento do cenário da IC na adolescência possibilita uma visão holística no tratamento nutricional, não se atendo somente à prescrição, mas procurando acessar as raízes da questão, visando assim um melhor direcionamento do tratamento. A etiologia do excesso de peso perpassa pelas esferas biopsicossociais e por este motivo, torna-se importante uma abordagem multidisciplinar.

A fim de maior compreensão e elaboração de políticas públicas sobre o tema, destaca-se a necessidade de mais estudos diante da crescente preocupação nos dias hoje com a imagem corporal e o aumento da prevalência de obesidade.

### **AGRADECIMENTOS**

Os autores agradecem às Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Haydée Serrão Lanzillotti e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elisa Barros pela colaboração no tratamento estatístico para elaboração desse

estudo e ao ambulatório de pediatria e adolescência, da Policlínica Piquet Carneiro/UERJ pela autorização para a coleta dos dados.

### REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde (OMS). Nutrition in adolescence: issues and challenges for the health sector: issues in adolescent health and development. Geneva: WHO; 2005.
2. Ciampo LA, Ciampo LRL. Adolescência e imagem corporal. *Adolesc. Saúde* [Online]. 2010; 7(4); 55-9.
3. Tavares MCGCF, Campana ANNB, Tavares Filho RF, Campana MB. Avaliação perceptiva da imagem corporal: história, reconceituação e perspectivas para o Brasil. *Psicol. Estud.* [Online] 2010 Set; 15(3); 509-18.
4. Erthal TC. A auto-imagem: possibilidade e limitações da mudança. *Arq. bras. psicol* [Online]. 1986 [acesso em 2018 ago 22]; 38(1);42. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19195/17937>>.
5. Petroski EL, Pelegrini A, Glaner MF. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. *Ciênc. saúde coletiva* [Online]. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000400028>.
6. Frois E, Moreira J, Stengel M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: o corpo em discussão. *Psicol. Estud.* [Online]. 2011; 16(1); 71-77.
7. Côrtes MG, Meireles AL, Friche AAL, Caiaffa WT, Xavier CC. O uso de escalas de silhuetas na avaliação da satisfação corporal de adolescentes: revisão sistemática da literatura. *Cad. Saúde Pública* [Online]. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2013000300003>.
8. Lira AG, Ganen AP, Lodi AS, Alvarenga MS. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *J. bras. psiquiatr.* DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000166>.
9. Gomes MCR, Salgado ACP. O papel da linguagem na representação do “eu” nas redes sociais. *Caminhos em Linguística Aplicada*. 2017; 16 (2); 1-14.
10. Ferriani MGC, Dias TS, Silva KZ, Martins CS. Adolescent’s self-image in a multidisciplinary program assisting obese adolescents. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.* DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1519-38292005000100004>.
11. Conti MA, Frutuoso MFP, Gambardella AMD. Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes. *Rev Nutr.* [Online]. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732005000400005>.

12. Organização Mundial da Saúde (OMS). Relatório mundial da saúde: saúde mental: nova concepção, nova esperança. Lisboa: WHO; 2001.
13. Dias JS, Saraiva BTC, Brunholl CC, Sonvenso DK, Júnior IFF. Relação entre adolescentes obesos sedentários com e sem esteatose hepática e a composição corporal de seus pais. In: Congresso de extensão universitária da UNESP, 8, 2015, Presidente Prudente. Anais. Presidente Prudente. 2015. 1 - 4.
14. Frontzek LGM. Obesidade infantil: compreensão das relações familiares e intervenção psicossocial. Tese [Doutorado em Saúde coletiva]. Belo Horizonte: Fundação Oswaldo Cruz; 2016.
15. Selltiz C, Jahoda M, Deutsch M, Cook S. Métodos de pesquisa nas relações sociais. 3 ed. São Paulo: EPU; 1974.
16. Lohman TG, Roche AF, Martorell R. Anthropometric standardization reference manual. Champaign, IL: Human Kinetics Books, 1988.
17. Organização Mundial de Saúde (OMS). Growth reference data for 5-19 years. 2007. Disponível em: [http://www.who.int/growthref/who2007\\_bmi\\_for\\_ag e/en/index.html](http://www.who.int/growthref/who2007_bmi_for_ag e/en/index.html)
18. Thompson MA, Gray JJ. Development and validation of a new body-image assessment scale. *J Pers Assess* 1995; 64(2); 258-69.
19. Conti MA, Latorre MRDO. Estudo de validação e reprodutibilidade de uma escala de silhuetas para adolescentes. *Psicol.estud.* [Online] 2009; 14(4); 699-706.
20. Bland JM, Altman DG. Statistical methods for assessing agreement between two methods of clinical measurement. *Lancet*. 1986; 327;307-10.
21. Giavarina D. Understanding Bland Altman analysis. *Biochem. Medica*. DOI <http://dx.doi.org/10.11613/bm.2015.015>.
22. Etges LC. Percepção da imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do ensino médio de uma escola pública de Florianópolis/SC [monografia]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
23. Miranda VPN, Morais NS, Faria ER, Amorim PRS, Marins JCB, Franceschini SCC et al. Insatisfação corporal, nível de atividade física e comportamento sedentário em adolescentes do sexo feminino. *Rev. paul. pediatr.* DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462/2018;36;4;00005>.
24. Marques MI, Pimenta J, Reis S, Ferreira LG, Peralta L, Santos MI et al. (In) Satisfação com a imagem corporal na adolescência. *Nascer e Crescer*. 2016;25 (4); 217-221.
25. Saraiva DI, Zemolin GP, Zanardo VPS. Perfil nutricional de pacientes atendidos em um ambulatório de especialidades em nutrição. *Rev. Vivências*. 2014; 10 (19). 113-121.

26. Paludo AC, Pelegrini A, Grespan F, Caldeira AS, Madureira AS, Junior HS. Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes: prevalência e associação com o estado nutricional. *Conscientiae Saúde* (impr). 2011; 1 (10); 143-149.
27. Silva GA, Lange ESN. Imagem corporal: A percepção do conceito em indivíduos obesos do sexo feminino. *Psicologia Argumento*. DOI <http://dx.doi.org/10.7213/rpa.v28i60.19779>.
28. Francisco R, Narciso I, Alarcão M. (In)Satisfação com a imagem corporal em adolescentes e adultos portugueses: Contributo para o processo de validação da Contour Drawing Rating Scale. *RIDEP*. 2012; 1 (34); 61-88.
29. Silva S. Entre a cultura da magreza e as sociedades da abundância: O corpo obeso. *Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia*. Universidade do Minho - Braga. [Acesso 22 jan de 2019] Disponível em: URL: [https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4616d79249458\\_1.pdf](https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4616d79249458_1.pdf).
30. Chuproski P, Mello DF. Percepção materna do estado nutricional de seus filhos. *Rev Nutr*. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-52732009000600014>
31. Pinto MS, Bosi MLM. Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências acerca da obesidade entre usuárias da rede pública de saúde de um município do Nordeste do Brasil. *Physis* [Online]. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312010000200006>.
32. Oliveira TRPR, Cunha CF, Ferreira RA, Marques CGR. Como adolescentes percebem a obesidade e seu tratamento: uma abordagem através de grupos focais. *Adolesc. Saude*. 2016; 13 (1); 55-63.
33. Berlese DB, Sanfelice GR, Berlese DB, Jacinta Sidegum Renner JS. Bullying e violência social: Vivência de adolescentes obesos. *Rev.latinam.cienc.soc.niñez juv* [Online]. DOI <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.1513111042016>.
34. Battisti M, Bergjohann P, Adami FS, Fassina P. Percepção da imagem corporal associada ao estado nutricional de crianças e adolescentes. *RBPS*. DOI <http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2017>